
AS VOZES SULBALTERNAS QUEREM FALAR: UMA LEITURA DE “COISAS QUE NÃO SE APRENDE NOS LIVROS” DE EVA SILVA ALVEZ**Virginia Del Carmen Pirela Alvarado¹; Miguel Neneve²**

1. Lic. em Letras- UNICESUMAR (2021); Mestranda em Letras- (UNIR); Especialista em Pedagogia Social-USP (2022); Pós-graduanda em Linguística Aplicada UFMS; Graduanda em Serviço Social- Estácio de Sá. E-mail: virginiapirela68019@gmail.com
2. Doutor em Letras (Inglês e Literaturas Correspondentes) – Universidade Federal de Santa Catarina em conjunto com a York University – Toronto (1996); Pós-Doutor na York University, Toronto – Canada e Pós-Doutor em “Caribbean Literature” na University of Guyana. E-mail: nenevemi@gmail.com

RESUMO: Sob uma perspectiva descolonial e pós-colonial, este artigo foi alicerçado tendo como principal intuito as análises da obra ‘*Coisas que não se aprende nos livros*’ de Eva Silva Alves. Esta autora, de origem ribeirinha, traz nas suas escritas a essência de suas raízes, espelhando costumes e tradições, desde a perspectiva feminina e literária desta região. Parece ser verdade que a autora sugere a necessidade de ouvir as vozes dos subalternos que desde tempos coloniais tem sido subjugado pelos diferentes poderes autoritários que tem de certa forma invadido a Amazônia. Para fundamentar nosso argumento, baseamo-nos em teóricos que sugerem esta reflexão, tais como Alvarez (1997); Neide Gondim (2008); J. P. Loureiro (2019); Ana Pizarro (2012); Edward Said (2007) e Gayatri Spivak (2010) entre outros. Alguns estudos sobre o tema desenvolvidos por Miguel Nenevé e Sonia Sampaio (2015); Simone Norberto (2015) também nos ajudam a esclarecer e fundamentar nossas ideias. A metodologia adotada nesta pesquisa é de cunho qualitativa que segundo Denzin e Lincoln é aquela que aborda a interpretação de mundo, objeto e sujeito do qual se estuda nos seus próprios cenários. Queremos finalmente argumentar que o livro de Eva Da Silva Alves, em questão, nos conduz a repensarmos a necessidade de resistência dentre um mundo globalizado que aceita e reproduz a sociedade bem estruturada, esquecendo das raízes que brotam nas margens, nas periferias da Amazônia.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia. Decolonialidade. Subalternos

INTRODUÇÃO

A autora chilena Ana Pizarro, explana numa entrevista com José Leandro Urbina afirmando que “La Amazonía no me era ajena. Yo estuve exiliada en Venezuela y en Venezuela el universo amazónico no es una presencia fuerte, pero existe” (Ana Pizarro em entrevista a Jose Leandro Urbina – 2019). A sua estadia na Venezuela lhe oportunizou conhecer melhor, a Amazônia. A sua vivência venezuelana lhe fez acercar de um mundo que ao mesmo tempo lhe fez conhecer mais a outra realidade da América Latina. Ela conhecia a América indígena, mas não a afroamericana e tomou conhecimento dessas misturas incríveis na Amazônia. Uma noite ela percebeu que a Amazônia é quase a metade da América do Sul. Neste aspecto a visão de Ana Pizarro convida a reflexão sobre esta complexidade da Amazônia.

Neste contexto, a primeira autora deste artigo sugere que pelo fato de ter procedência venezuelana e tendo já experiência na Amazônia do seu país, se vê desafiada a perceber mais claramente a complexidade da Amazônia ao vir para o Brasil. Aqui, ela tem tido mais oportunidades para acessar autores e estudiosos da Amazônia,

aprendendo o que é o discurso de fora, o que é discurso interno, o que é colonização e o que pode ser descolonização. Neste trabalho nos propomos a explorar o livro “*Coisas que não se Aprende nos livros*” de Eva Da Silva Alves, sob esta perspectiva descolonizadora, enfatizando a necessidade de olhar sob a perspectiva da Amazônia, e desde sua posição de mulher beiradeira, ou “beradeira”, ouvindo as vozes não ouvidas pelo “centro” imperial. A fim de poder dialogar com o livro, gostaria de apresentar alguns autores que discutem esta questão.

A estudiosa chilena Ana Pizarro (2019, p.2) que citamos no início deste texto, em uma entrevista a Jose Leandro Urbina deixa claro que ela se surpreendeu que mesmo dentro do Brasil o conhecimento sobre a Amazônia é bem deficiente ou deturpado ou mesmo inexistente:

[...] pero lo que me llamó profundamente la atención en esas búsquedas es que tú estás en São Paulo y nadie sabe nada de la Amazonía; o sea, los brasileños del sur son ignorantes de ese mundo. No encuentras libros. Ibas a las librerías y te pasaban libros de turismo con fotos bonitas. Tuve que empezar a buscar en la Biblioteca Nacional en Río y finalmente decidí yo ir a la Amazonía. (Pizarro, 2019, p. 2)

É o que constatamos em nossas pesquisas. Normalmente o que se sabe em São Paulo, e podemos dizer sul e sudeste do Brasil, são conhecimentos divulgados por estrangeiros. Dificilmente uma pessoa do Sul, mesmo sendo acadêmico, lê produções do norte. Dá-se preferência a textos e vídeos sobre a Amazônia escritos ou produzidos por estrangeiros, obras que, na maioria das vezes exibem uma visão bem colonizadora da região.

A autora chilena diz que sua experiência na Amazônia, dentro da região lhe ensinou que a Amazônia é outro mundo, não aquele descrito pelos viajantes. “é um mundo onde as pessoas vivem permanentemente a sua fantasia, onde existem personagens que fazem parte da vida da comunidade como o boto, que emociona as mocinhas e as chama: vem, vem! veeem! para o rio.” Pizarro (2019, p 3).

Pizarro explica que só quem tem vivência entre os amazônidas se descobre, e que estes habitantes da Amazônia não são puramente indígenas, sendo que para muitos viajantes e pessoas de fora, lá se encontrará somente selva e índios. Os indígenas são três milhões, os amazônicos são vinte e três milhões.

Então os caboclos, já descritos por J. J. Paes Loureiro (2019) são provenientes de misturas raciais diversas, mas com estilos de vida diferentes. São ribeirinhos, ou beradeiros como se chamam em Rondônia que vivem às margens dos rios. Mesmo os ribeirinhos são diferentes de uma parte da Amazônia para outra: um ribeirinho de Rondônia pode ser diferente de um ribeirinho do Pará, por exemplo, pois a Amazônia é formada por centenas de rios de diversos tamanhos: os igarapés, os furos (como os encantados em Nazaré). Tudo são determinantes de cultura, de linguajar, de crenças.

No entanto, muitas vezes se fala, se escreve e se divulga uma Amazônia que é imaginada de outras formas, do lado de fora, de quem não vive aqui e sem nunca ouvir ou dar atenção para as vozes daqui. Os estudiosos da perspectiva pós-colonial e decolonial, Miguel Nenevé e Sonia Sampaio (2016) tem um artigo interessante que discute esta questão sobre a imaginação que se faz da Amazônia: “Re-imaginar a Amazônia, decolonizar a escrita sobre a região” (2016). Os autores argumentam que:

Talvez o fato de a natureza oferecer dificuldades de dominação devido a vários obstáculos como a custosa navegação que determinou o insucesso de tentativas de colonização ao longo da história da região, tenha motivado imaginações de vários viajantes, cientistas, políticos, repórteres, escritores, dentre outros. O que queremos enfatizar é que tudo parece promover imaginações para dominar o local, para fazer com que produza lucro, isto é, desejo de controlar e colonizar a região. Exemplos que refletem o desejo de controlar e dominar a região (Nenevé, Sampaio, 2016, p. 15)

Os autores, portanto, advertem sobre escritas que estão longe da realidade da Amazônia. Muitas vezes pois não são mais que imaginações e desejo de pronunciar e promover uma versão distorcida da realidade. Assim, Nenevé e Sampaio sustentam que, por isso “quando um escritor estrangeiro discorre sobre a Amazônia, parece que se sente quase obrigado a proferir julgamentos acerca da região e condenar o que se faz por aqui.” (2016, p. 16). Neste contexto de escrita estrangeira, ou escrita alienada da realidade amazônica, que nós, estudantes da área temos a obrigação de sermos cautelosos e não divulgar como “verdade” tudo o que se mostra ou foi mostrado em relação a esta região. Os autores enfatizam “que é preciso desdizer estas ‘verdades’ que saíram da imaginação de autores de literatura de viagem e outros escritores que nunca prestaram atenção nas vozes locais”. Somente “partindo de uma compreensão de dentro

da Amazônia é que podemos proporcionar uma reflexão e uma re-imaginação do local, da região, dos conceitos concernentes à mesma.” Nenevé e Sampaio (2016, p. 17)

Isso também reflete o que a estudiosa amazonense Neide Gondim propõe, quando sustenta que a Amazônia não foi descoberta nem construída, mas “foi inventada”. (ano e pagina) A Amazônia, de certa forma, foi uma resposta aos anseios europeus, desejos expansionistas, busca do Éden. Por isso, para a autora amazonense, há uma série de construções ideológica sobre um território que fomenta a invenção da Amazônia, assim como a América foi inventada (como Mary Louise Pratt afirma) ou o Oriente foi inventado (como afirma Edward Said)

Para Gondim muitos viajantes, desde os tempos do “descobrimento “até nossos dias tem a tendência a deixarem registros de “fantasia, utopia e preconceito”, aumentando assim as imaginações e os conceitos que compõe o imaginário europeu ou norte-americano sobre a região. Gondim afirma também que muitos vem para a Amazônia em busca de riquezas e interessa para eles dizer que a região está ‘vazia’ e que precisa de desenvolvimento.

Neste contexto, conectando-se bem com o que Edward Said (ano e data) afirma ao falar sobre os europeus construíram sobre o Oriente, Gondim fala sobre a Amazônia, que os europeus “estigmatizaram para sempre as gentes diferentes, como as pessoas da Amazônia , como primitivos, incapazes de desenvolver-se plenamente em consequência do forte calor, como preguiçosos e indolentes, infantis e bestializados” (p. 16) Aqui pode-se perceber a clara influência de Edward Said no desenvolvimento dos argumentos de Neide Gondim. Portanto, consideramos necessário apresentar, mesmo que brevemente, os pensamentos de alguns pós-coloniais, decoloniais, começando por explorar o pensamento do palestino-americano, Edward Said.

O PENSAMENTO PÓS-COLONIAL/DECOLONIAL

Embora já tenhamos de certa forma apresentado pensamentos pós-coloniais/decoloniais, gostaríamos de explorar mais especificamente as teorias que dão sustento para dialogarmos com textos na e da Amazônia.

Na introdução do livro *Pós-colonialismo: uma leitura política de textos literários* (2016), Miguel Nenevé e Sônia Sampaio apresentam o Póscolonial e o Decolonial não como algo separado, mas como um sendo o complemento do outro. É bom lembrar que

o Pós-colonialismo suscitou o surgimento do “Decolonial” ou da chamada “Virada Decolonial e proporcionou o surgimento de outros ‘ismos” como: Pós-monolingualismo, Pós-comunismo e aprofundou uma conexão visível com o feminismo e tudo que critica a opressão, o autoritarismo e a discriminação de um povo em relação a outro. Nenevé e Sampaio (2016, p. 12) afirmam:

Muito se tem escrito sobre o significado do termo, então quem discute pós-colonial tem que ter em mente questões de desigualdade social, de injustiças, de machismo, de racismo entre muitos outros temas que afetam a humanidade colonizada. Claro que quem se propõe a explorar o “póscolonial” no texto literário ou em outros textos, deve saber claramente que o colonialismo não acabou quando os colonizadores foram embora da colônia, pois o pós-colonial sugere um processo de descolonização, não assume que há algo terminado ou estático. Por isso mesmo precisamos desta teoria, precisamos dos estudos pós-coloniais para imaginar uma sociedade com menos disparidades e desequilíbrios. (Nenevé; Sampaio, 2016, p. 12)

Seguindo esta linha de pensamento, concordamos com os autores quando afirmam que “o pós-colonial alude também a uma postura de certa forma subversiva em relação ao cânon como também a todos os essencialismos”. Isso reflete bem o que vários autores destes amplos estudos argumentam, ao afirmar que o pós-colonial propõe contrariar a ideia de que existe “*The West and the rest*” ou seja, “O ocidente e o resto.” O caribenho Edouard Glissant afirma que nenhuma teoria de contato cultural deve conduzir a generalizações e assim é o caso do pós-colonialismo. Por outro lado, pode ser muito visível que a póscolonialidade na América do Sul tenha traços parecidos com a colonialidade e pós-colonialidade na África, Caribe etc. (p. 12) Assim, também, em um texto, publicado em 2006 intitulado “Teoria do pós-colonialismo e algumas contribuições para a Educação” o professor Miguel Nenevé afirma que “O Pós-colonialismo, portanto acentua as suas bases no descentramento e na pluralidade, por meio da transformação da condição marginal na fonte de criação” (Nenevé, 2005-2006, p. 140-141).

É o que vemos em discussões de praticamente todos os teóricos do pós-colonialismo, Como Edwar Said, considerado o introdutor do pós-colonialismo na Academia. Para o pensador palestino Edward Said, todo o leitor ou estudante deve perceber as relações entre o ato de escrever e os aspectos culturais, políticos, a linguagem e o poder. Ele mostra, por exemplo que os jornalistas e escritores ocidentais, e até os acadêmicos, estudiosos, professores de universidades, ajudaram a construir uma

imagem degenerada e estereotipada do Oriente que Ocidente explorou; estas para justificar a sua política de interesses em explorar o Oriente. Por isso ele afirma, já na introdução do seu livro *Orientalismo* que o “Orientalismo pode ser visto como um discurso” definição influenciada pelo filósofo e historiador francês Michel Foucault, que definiu discurso como um Sistema de pensamento que governa o conhecimento obtido por uma pessoa. Então, poderíamos dizer que discurso, neste aspecto, é resposta da interação entre o poder e o conhecimento.

Assim, trazendo para a Amazônia, poderíamos perguntar, quem tem mais poder para construir conhecimento sobre a Amazônia. Sabemos que editoras estrangeiras gastam milhões de dólares para que seus pesquisadores e escritores produzam material sobre a Amazônia.

Bem nesta linha de pensamento vai a crítica canadense, Mary Louise Pratt, muito reconhecida por seus estudos sobre Literatura de Viagem, principalmente refletidos em *Imperial Eyes: Transculturation and Travel Writing*. Pratt afirma que os saberes e estilos de representação, produzidos no mundo colonial, foram articulados, ordenados e explicados pelo centro ou pelas metrópoles colonizadoras que tinham o poder sobre os “outros” os colonizados da fronteira, da África, América do Sul, Ásia e assim por diante. Segundo a autora aparecem bem claramente em duas direções que são fundamentais para a crítica do próprio conceito de modernidade (Pratt, 1999, p. 17-54). A primeira diz respeito à “constante necessidade demonstrada pelo ocidente moderno de encontrar sua própria centralidade por meio da exclusão e da delimitação de alteridades. Primitivos, irracionais, atrasados” (Pratt, 1999, p. 44-52). São excluídos, portanto, de qualquer voz aqueles que são considerados os inferiores, os diferentes. A segunda, segundo Pratt provem da crença divulgada pelo discurso de dominação do centro, acreditando que todo o processo de modernidade acontece no centro e não na periferia. (Pratt, 1999, p.55)

Walter Mignolo, um estudioso latino-americano, alinhado com o pensamento Decolonial acredita que é preciso desobedecer ao que o centro impôs ao colonizado, o que o pensamento eurocêntrico divulgou como única verdade. No seu livro *Desobediencia epistémica; Retórica de la modernidade; lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*; publicação primeira realizada em Buenos Aires-Argentina no ano de 2010 pelas Ediciones del Signo, Walter Mignolo menciona Frantz

Fanon e a importância de voltar ao conhecimento dos colonizados, a desobedecer ao que foi escrito como certo:

Fanon no se adscribió a la inscripción general y universal de la subjetividad del sujeto moderno; trajo, por el contrario, “de vuelta a la casa del conocimiento la subjetividad de los damnés, el sujeto negado difamado, aquél que ha sido un asunto que está fuera de las fronteras del conocimiento. (Mignolo, 2010, p.95).

Partindo de Fanon, Mignolo argumenta que é preciso dar atenção ao conhecimento dos “damnés” os condenados da Terra. **É assim que deveremos olhar para a realidade e do conhecimento, não partindo somente do que os europeus escreveram.** Mignolo vai falar mais diretamente ao afirmar que “[...]la gramática borgesiana de los mundos posibles, equivale a la gramática de la descolonialidad: que nos conduce a un pluri-verso, a la descolonización del ser y del saber [...]” Mignolo (2010, p.77). Com estas considerações acreditamos que temos um suporte maior para dialogarmos com o livro que nos propusemos a explorar aqui.

COISAS QUE NÃO SE APRENDE EM LIVROS DE EVA DA SILVA ALVES

Creemos que este livro nos convida a uma reflexão sobre a necessidade de desprendimento ou ruptura de certos conhecimentos fixos sobre a Amazônia. A obra de Eva Silva Alves ‘*Coisas que não se aprende nos livros*’, um livro também com tradução ao inglês com o título ‘*Things you cant learn from books*’ já no título, embora nos pareça ter um problema de concordância, pois deveria estar no plural “coisas que não se aprendem”, chama atenção sobre a necessidade de não acreditar somente nos livros, mas no conhecimento do nativo.

Estes sujeitos na sua maioria desprestigiados por todo um sistema estruturado para desprover o sujeito de alguma credibilidade, Spivak também analisa por meio de teóricos como Deleuze, a importância das vivências tradicionais para a história e identidade de uma nação; Da Silva Alves narra no seu livro algumas experiências e conhecimentos obtidos através das tradições ancestrais ou vivências pessoais expressadas em forma de literatura, assim como quando diz: “ Escolha o local... Pode ser na curva do rio, perto de um balseiro, contando que as galhadas das árvores evitem os grandes banzeiros” Da Silva (2022, p. 14) estas experiências relatadas por nativos da

região e construídas em forma de literatura são as que por muito tempo se tem defendido por teóricos amazonidas.

Como mostramos anteriormente, muitos leitores dão mais atenção e “poder” a teorias criadas sobre a Amazônia por escritores que não pertencem a ela. Por isso destacamos o trabalho de Eva Alves, uma escritora de origem ribeirinha que conhece esta cultura e por prática própria, adota um linguajar próprio da região ao citar palavras como “balseiro” entre outros que são daqui. Também por meio de seu livro insere um dicionário linguístico, os diferentes significados para estas definições sendo o balseiro uma forma de acumulo de resíduos de arvores, plantas aquáticas e terras vindas de deslocamentos de barranco, além disso, cita a palavra banzeiro referente às águas que se agitam por causa do vento, da chuva e/ou de outras reações climáticas; quando uma embarcação passa e provoca ondas etc. Podemos ver, nesta escrita a propriedade e a sapiência que existe nestas culturas, precisando de metodologias específicas para alcançar objetivos marcados. Estas bases de raiz cultural, denotam assim como Deleuze declara: “Não há mais representação, não há nada além da ação; esta ação pode-se dizer que é uma materialização do uso cotidiano de uma teoria criada, ainda assim vindo da posição do colonizador”.

Assim percebido, a obra de Eva Da Silva, sugere que essa ação é realizada por meio da língua portuguesa que ainda que usada para se comunicar, expressões próprias, língua misturada com palavras e fonemas de procedência indígena, africana ao de línguas românicas. Tudo trazido e adicionado através do tempo bem seja por processos escravocratas, colonizadores ou migratórios, criando um novo linguajar usado no cotidiano desta comunidade.

O texto de Eva Alves aponta-nos que existem sinais modernizadoras, sendo que na antiguidade precolombina só os homens conseguiam cuidar da caça e pesca enquanto as mulheres cuidavam da agricultura, coleta e processamentos dos alimentos, segundo Alvares (1997) “O primeiro fator, a desagregação familiar, é central de análises do trabalho feminino indígena. O cotidiano tribal, antes da chegada dos colonizadores, baseava-se na divisão simples do trabalho, ficando a cargo as mulheres a agricultura e dos homens a caça” com isto. Muitas mulheres na necessidade de prover as proteínas necessárias á família foi se criando costumes de pescaria entre mulheres da localidade, assim como enfatiza Eva da Silva dizendo: “Agora, preste atenção: para fiscar um Piau,

seja do barranco ou na canoa, o silencio é essencial. Linhada zero 30, grilo, congo ou minhoca. Não importa! Bom anzol é primordial”

A capacidade de autogestão da mulher na Amazônia é evidente nos traços marcados na obra, está fazendo o papel de mestre da pesca, assim como também representando a variação linguística ribeirinha. A obra representa os ensinamentos hereditários de narrativas de experiência pessoal dos autores da história, nos levando à conclusão de que ainda que o autoritarismo criou um sistema econômico preferencial, os diferentes tipos de resistências foram muitos, tanto na língua, narrativas, culturas e práticas do cotidiano que criavam uma nova forma de viver e se comunicar.

O transcender dessas culturas miscigenadas perduram até agora, com uma bagagem de lutas, derrotas e vitórias, assim como relata nossa escritora quando descreve procedimentos técnicos empregados por mulheres as quais tiveram que aprender práticas inovadoras desde a simplicidade dos instrumentos que possuía, graças às necessidades de uma população bem seja física ou cultural, linguística ou moral estes antepassados deixaram legados impossíveis de aniquilar.

Vemos como a autora neste texto trás muito de suas vivências na zona ribeirinha e ainda produzindo material praticamente etnográfico, deixando um legado patrimonial e cultural para as novas gerações, assim como Silva (2022, p. 10) diz: “Agora, escolha a isca... Eu sugiro o congo! Peça de um adulto que corte o coco do babaçu, e dele retire os congos.” Nos faz pensar o objetivo desta obra e seu público alvo, sendo que, o mesmo esta composto por paisagem exuberantes, coloridos desenhos amazônicos nos dando a impressão das matas e rios da região, assim sendo, quando a autora cita o verbo no imperativo “peça” remetendo-se ao substantivo “adulto” nos indica que este livro esta voltado para o público infantil, nos deixando claro que uns dos objetivos da autora é transcender nas gerações e cultivar as raízes amazônicas quase esquecidas do local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos argumentar neste pequeno estudo que a obra de Eva Alves nos convida a repensar nosso conhecimento sobre a Amazônia e sobre os seres que nela habitam. Coisas que não se aprende(m) em livros sugere que há um conhecimento dos povos ribeirinhos, daqueles que vivem da pesca à beira do rio, que necessita ser respeitado por todos, inclusive por estudiosos da Amazônia que divulgam suas

pesquisas muitas vezes sem ouvir o povo simples que mantém grande sabedoria sobre a natureza amazônica. A autora oferece muitas reflexões partindo de suas vivências na zona ribeirinha. Além disso ela vem produzindo material praticamente etnográfico muito relevante. Percebe-se que o legado patrimonial e cultural para as novas gerações está presente no livro, por exemplo quando o texto de Eva Alves (2022, p. 10) diz: “Agora, escolha a isca... Eu sugiro o congo! Peça de um adulto que corte o coco do babaçu, e dele retire os congos.” Isso nos conduz ao objetivo desta obra a atividade de pescar, um Piau por exemplo bem conhecido do povo amazônico. Além disso a ilustração mostrando paisagem exuberantes, coloridos desenhos amazônicos nos dão a impressão das matas e rios da região, de certa forma autêntica produzidos por artistas daqui. Quando a autora cita o verbo no imperativo “peça” e o substantivo “adulto” nos indica que este livro está voltado para o público infantil, nos deixando claro que uns dos objetivos da autora é educar as pessoas para a vivência amazônica. Respeitar a água, os rios, os seres que nele vivem. Pescar é uma atividade sagrada que ajuda a alimentar as pessoas. A pesca nunca deve ser predatória. Deve ser com caniço, isca pequena, nada de barcos enormes de pesca, armas que matam milhares de peixe. O que deve ser pescado é somente o peixe que vai servir de alimento na próxima refeição.

Por isso, podemos concluir, que o livro de Eva Alves revela um profundo respeito pela Amazônia, pelos seres que nela habitam, pela cultura de seus povos e pelo meio ambiente em si. Ainda mais representativa esta etnografia sendo que provem de uma autora ribeirinha, que conseguiu falar com propriedade sobre cultura, praticas e vivências amazônicas; a autoridade que representa como mulher destas terras evoca ao amor desde o berço pela terra e todo ser vivente que nasce, se reproduz e continua sua função na retroalimentação pela vida deste ciclo natural.

REFERÊNCIAS

ALVARES, Maria Luzia Miranda et al. **Mulher e modernidade na Amazônia**. Editora Cejup, 1997.

GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia**. Manaus: Valer, 2008.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Editora cultural brasil, 2019.

NENEVÉ, Miguel; SAMPIO, Sonia. **Re-imaginar, descolonizar a escrita sobre a Amazonia**. In Albuquerque, Nenevé e Sampaio. Rio Branco: 2015

NORBERTO, Simone; NENEVÉ, Miguel. **Narradores de Nazaré: Uma leitura pós-colonial das narrativas orais de uma comunidade amazônica**.

PIZARRO, Ana e URBINA, José Leandro. **Ana Pizarro: La reina del Amazonas**. Pléyade (Santiago) [online]. 2019, n.24, pp. 215-225. ISSN 0718-655X. <http://dx.doi.org/1>

PIZARRO, Ana. 2012. **Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização**. Belo Horizonte: Editora da UFMG.

SAID, Edward W. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. Editora Companhia das Letras, 2007.